

Resenhas Críticas

SPINK, Mary Jane (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1993.311 p.

Este livro, organizado por Mary Jane Spink (investigadora de expressão na área e coordenadora de núcleo de pesquisa na PUC de São Paulo), reúne textos de autores que discutem questões relevantes e atuais do estado da teoria da representação no campo da Psicologia Social. A representação social (RS) constitui-se, portanto, como teoria que, saindo do plano abstrato, insere-se nos problemas concretos da sociedade, conforme são percebidos, vividos e, portanto, construídos pelos sujeitos sociais.

O livro tem seis capítulos de discussão teórico-metodológica e sete de relatos de pesquisa.

Começando por Celso Pereira de Sá, em "Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria" (Capítulo 1, p. 19-45), o autor lembra o trabalho inicial de

Serge Moscovici e a designação de "representações", para fenômenos sociais, seus elementos, fatores psicossociológicos e sua explicação teórica.

Assim, o fenômeno da compreensão sociológica da psicanálise inspira a pesquisa de Moscovici (1961,1976), que se traduz no livro *La Psychanalyse, son Image et son Public*, um estudo pioneiro na (re)construção de uma psicossociologia do conhecimento e um contraponto a Durkheim, no antagonismo à explicação do social no campo psicológico, que, de certa forma, a simplifica, sublinhando o nível de "reproduções".

Desse modo, a origem, no confronto com a teoria durkheimiana, o interesse pelo conhecimento formado e veiculado pelo senso comum, a impor-

tância da opinião que circula nas conversações do cotidiano, as dimensões que se expressam na atitude, na informação, no campo de representação, são alguns dos focos de análise deste capítulo, especialmente importante à leitura de questões básicas do processo e à elaboração conceitual da teoria.

No Capítulo 2 (p.46-57), "O impacto da teoria das representações sociais", a questão é analisada por Maria Alice Vanzolini da Silva Leme. Os tipos de repercussão, sejam as críticas às matrizes teóricas, sejam as negações ou as comparações e tentativas de transferir conceitos, localizando-os no bojo de outras teorias, são reconhecidos pela autora.

As semelhanças com mitos e crenças sociais não implicam equivalência do significado - mais amplo - da representação social enquanto um "conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária, no curso das comunicações interindividuais" (Moscovici, apud Leme, p.47).

Assim, as singularidades da teoria de RS, na ótica mosco-

viana, são pontuadas, incluindo os processos de ancoragem - sustentação de novas informações/percepções nas já conhecidas, consolidadas -, e a objetivação, pela qual se "concretizam" os conceitos, traduzidos, "afigurados" em imagens. Reconhece-se, também, que, pelas representações, os fenômenos sociais são "classificados", "categorizados", para que, deixando de serem "estranhos" - e, portanto, "ameaçadores" - tornem-se comuns, "naturais", "familiares".

O estudo de Leme, portanto, traz contribuições expressivas à compreensão dos processos que identificam e "singularizam" a teoria.

Silvia Tatiana Maurer Lane focaliza os "Usos e abusos do conceito de representação social" (Capítulo 3, p.58-72). "Usos e abusos" referem-se, então, aos muitos - e crescentes - estudos que empregam a teoria, observando seu potencial de elucidação dos fenômenos vistos e produzidos por opiniões e ações socioindividuais, integrando elementos simbólicos e reconhecendo os efeitos dos processos de significação e

afetividade, assim como os efeitos de sentir e julgar sobre o ver e agir. Com respaldo no pensamento moscoviciano, pode-se, também, falar na vinculação entre representações coletivas e individuais, implicando um "intercâmbio entre intersubjetividades e o coletivo" (p.60).

Muitas pesquisas e seus objetos são elencados pela autora, a qual se refere, ainda, ao capítulo introdutório da obra de Denise Jodelet, que mostra o volume de trabalhos produzidos desde 1960 até os anos 90 (p.59). Concluindo, a RS é abordada segundo uma visão materialista-histórica, e são pontuadas questões de pensamento, linguagem, consciência e atividade em Vygotski, às quais se acrescenta a questão da personalidade em Leontiev. A substituição da categoria "personalidade" por "identidade" é resultado de estudos do grupo de pesquisa da PUC-SP, com recorrência a Ciampa (p.68).

Esse capítulo, portanto, traz ao leitor informações relevantes sobre a produção científica na área, suas categorias, fundamentos e objetos.

Em "Representação e ideologia: o encontro desfetichizador"(Capítulo 4, p.73-84), Bader Burihan Sawaia pontua a "desfetichização" enquanto elemento de análise dos dois "fenômenos". Representação e ideologia, enquanto elementos de processos simbólicos, não se limitam a "conceito micro" - representação - ou "macro" - ideologia (p.74) -, mas se referem às articulações entre homem e sociedade, assim como entre ciência natural e ciência social.

Assim, o exame da representação e da ideologia auxilia a entender as razões pelas quais os homens raciocinam, percebem e atuam de determinado modo, tendo sempre em vista, neste exame, a questão da consciência e da inserção histórica e social. "O termo ideologia é usado para o conjunto de representações que se torna partilhado coletivamente (...), sem que se "subordine o segundo ao primeiro" (p.78).

Desse modo, Sawaia encaminha ao leitor a idéia de associação e complementação de

conceitos afins, que oferecem paradigmas às investigações preocupadas com as origens e os efeitos das palavras, reconhecendo sua influência sobre as ações.

Mary Jane Paris Spink, ao discutir o "Estudo empírico das representações sociais" (Capítulo 5, p.85-108), oferece contribuições conceituais significativas.

A polissemia e a diversidade de compreensão do termo e do fenômeno da representação social são observadas, notando-as nos campos das ciências sociais, da psicologia cognitiva e da psicologia social.

A formação e os efeitos sociais na Psicologia Social, os fatores material e ideológicos nas Ciências Sociais e as estruturas do processo de conhecimento na Psicologia Cognitiva são alguns dos elementos discutidos pela autora, elucidando o entendimento e as aplicações, de acordo com o campo teórico que os explica e orienta.

As críticas epistemológicas e de rigor científico, contrapostas às possibilidades e à "criatividade" conseqüentes ao alargamento da compreensão, mostram uma visão

mais ampla dos marcos e horizontes da pesquisa de representações.

A complexidade inerente aos muitos fatores que interferem no fenômeno representativo; os níveis, considerados em Doise, incluindo o "intra-individual", o "intersituacional", o "situacional" e o "ideológico" (p.89-90); as representações vistas como produto ou como processo e o risco da dicotomia entre ambos são também contemplados por Spink nas considerações necessárias às pesquisas.

Quanto aos procedimentos metodológicos, destaca-se a atenção às "condições de produção" e ao "uso de material espontâneo" (p.93-103).

Finalmente, Spink argumenta em favor da relativização das críticas, sugerindo que se repense (e se reconceitue) o rigor metodológico, enfatizando a aceitação e os subsídios das análises qualitativas, que não se contrapõem - e até podem se complementar - pelo uso de quantificações, sem prejuízo de "validade e fidedignidade" (p.106).

Esse estudo, portanto, oferece aos pesquisadores referências valiosas quanto a fundamentos, conceitos e métodos.

Edson Alves de Souza Filho, em "Análise de representações sociais" (Capítulo 6, p. 109-145) retoma a proposta de Moscovici, no sentido de "renovar o estudo de atitudes, opiniões, imagens e estereótipos e, igualmente, ideologia, visão de mundo, de psicologia social e da sociologia, respectivamente" (p. 109).

Focalizando métodos e técnicas de pesquisa, Souza Filho aborda a observação, cuja análise pode ser feita empregando-se, ou não, cálculos quantitativos, embora estes possam favorecer as interpretações qualitativas.

A coleta de dados é abordada, situando-se os procedimentos de observação participativa e "entrevistas com roteiro aberto" (p. 115) e registrando-se a importância dos processos de expressão e interação, que possibilitam ao pesquisador o estudo das relações dos sujeitos entre si e com os objetos representados.

Essas questões exemplificam a contribuição desse capítulo

à metodologia da pesquisa de representação social.

Na Parte II (relatos de pesquisa), Ricardo Vieiralves de Castro (Capítulo 1, p. 149-187) teve como objeto de pesquisa a prostituição na cidade do Rio de Janeiro; utilizando o método etnográfico, procedimentos de observação participante e entrevistas com 50 prostitutas, moradoras do Mangue, comparando a visão destas à visão legal.

Leny Sato (Capítulo 2, p. 188-211) estuda a "Representação social do trabalho penoso", usando a observação participante e entrevistas, para obter dados sobre a fala e o comportamento de motoristas de ônibus urbanos, que recorrem a condutas de "adaptação", como formas de "conviver" com o desconforto e o sofrimento causados pelas condições de trabalho.

Neuza Maria Fátima Guareschi (Capítulo 3, p. 212-233) tem como objeto a representação da criança sobre poder e autoridade, constatando o efeito da "negação da infância e afirmação da vida adulta". Observações e entrevistas foram utilizadas, notan-

do-se as posições socioeconômicas, profissionais e intelectuais enquanto fatores que explicam a "autoridade e poder" que as crianças conferem às pessoas com quem convivem na escola, seja pública ou particular.

Angela Arruda (Capítulo 4, p.234-265) tem como objeto a inserção do homem no ambiente, examinada à luz de representações de grupos de estudantes sobre questões ecológicas, ambientais, associadas à problemática do "crescimento e desenvolvimento econômico". Os dados que possibilitaram comparações das falas dos sujeitos foram obtidos através de questionários.

Ciência e técnica, alternando-se com fatores sociopolíticos, foram focalizados pelos estudantes, cujas opiniões variaram de acordo com suas informações e origem, notadas nos aspectos geoculturais e institucionais. Valorização e intervenção foram pólos das representações dos estudantes em face da relação entre homem e natureza.

Clélia Maria Nascimento Schulze (Capítulo 5, p.266-279) investiga as "Representações

sociais de pacientes portadores de câncer", mediante entrevistas com 60 sujeitos. A visão da saúde, da doença, da aceitação do tratamento são pouco claras, seja pela falta de informação dos médicos, seja pelo medo e pela dor que acometem, especialmente, os portadores de câncer de nível e condições socioeconômicas menores.

Destaca-se, portanto, nessa pesquisa, a importância da melhor qualidade (com atenção aos fatores humanos e sociais) de atendimento.

Ana Mercês Bahia Bock (Capítulo 6, p.280-291), em bases teóricas materialista-dialéticas, enfrenta a questão do trabalho dos profissionais de psicologia e a consciência que o orienta. Entrevistando 11 profissionais, em locais diversos, examina as representações que estes fazem sobre si próprios, suas ações e o conteúdo científico e profissional da Psicologia.

As contradições do conceito da Psicologia como ciência e profissão, a consciência dos problemas e da importância de superar essas contradições expressaram-se nos discursos, mostrando as

possíveis contribuições sociais ao lado dos limites que nelas interferem.

Finalmente, em "O jogo de papéis e representações sociais na universidade: o estudo de um caso particular" (Capítulo 7, p.292-311), Solange de Oliveira Souto tem, como sujeitos, professores, funcionários e alunos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com os quais procura saber como representam o papel do professor universitário. Pôde-se, então, perceber as qualidades de dedicação, ao lado de condutas marcadas por idealismo e abnegação. Quanto à universidade, constatou-se o seu "esquecimento". Assim, requer-se a rediscussão do valor social da universidade e do papel do professor.

Ao concluir a análise do livro, destaquem-se os subsídios a fundamentos, princípios, conceitos, métodos, assim como, nos relatos de pesquisa, os exemplos de formas e circunstâncias da construção de objetos, oferecendo referências significativas às investigações que se façam à luz da teoria da RS.

A Apresentação (p.7-18) de Mary Jane Spink, organizadora do volume, é especialmente importante, no sentido de que introduz o leitor à obra, situando-a nos seus temas e enfoques.

O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social é uma leitura básica para quem se interessa ou quer conhecer perspectivas teórico-metodológicas deste campo de pesquisa.

Mary Rangel
Universidade Federal Fluminense
(UFF)